

## **CFFs: AS CONSTRUÇÕES DO TIPO *FOI FEZ* NO PORTUGUÊS DO BRASIL**

Angélica T. Carmo RODRIGUES<sup>1</sup>

- RESUMO: Neste artigo, investigo as “construções do tipo *foi fez*”, **CFFs**, presentes na modalidade falada do Português do Brasil, mediante os resultados obtidos em um estudo mais abrangente realizado em minha tese de doutoramento. Minha análise mostra, entre outras coisas, que as **CFFs** se formam a partir de uma seqüência mínima de V1 e V2, em que V1 corresponde a um dos verbos **ir**, **chegar** e **pegar** e V2 é relativamente livre. Essas construções podem ocorrer sob a forma de dois tipos distintos. No tipo 1, V1 e V2 são interligados pela conjunção *e*, e, no tipo 2, V1 e V2 apenas se justapõem. Ademais, V1 e V2 partilham flexões de tempo e pessoa e têm sujeitos correferenciais. Quanto à sua função, as **CFFs** atuam no nível discursivo-pragmático, na medida em que V1 dramatiza ou enfatiza os eventos descritos em V2.
- PALAVRAS-CHAVE: Construções; verbos; relevo discursivo.

### **Introdução**

O objetivo deste artigo é descrever e analisar uma classe particular de construção, presente no Português brasileiro falado e denominada *construções do tipo foi fez*, **CFFs**.<sup>2</sup> Os resultados aqui apresentados são resultado de uma pesquisa maior desenvolvida no doutorado. Esta pesquisa se orienta a partir do arcabouço teórico do Funcionalismo Lingüístico, buscando, entretanto, suscitar um possível diálogo com a Gramática de Construções, na medida em que se sustenta que essas duas abordagens podem se complementar na análise das **CFFs** (RODRIGUES, 2006). Assumo, com os gramáticos construcionistas (FILLMORE, 1985; GOLDBERG, 1995; KAY; FILLMORE, 1999; CROFT, 2001), que todas as construções da língua, mesmo as mais marginais e idiomáticas, podem e devem

---

<sup>1</sup> Doutora em Lingüística pelo Programa de Pós-Graduação em Lingüística – UNICAMP – Instituto de Estudos da Linguagem – 13083-970 – Campinas – São Paulo – Brasil. Endereço eletrônico: angelica\_rodrigues@hotmail.com

<sup>2</sup> Algumas poucas ocorrências foram observadas em textos escritos exibidos na internet, mas esses textos se caracterizam pela reprodução de uma situação de fala. Não verifiquei a ocorrência de **CFFs** em textos formais, como jornais e revistas.

ser sistematicamente descritas tendo em vista suas propriedades sintáticas, semânticas e pragmáticas. Mostrarei que as **CFFs** possuem regularidades internas no tocante a suas propriedades sintáticas e a sua função discursiva, permitindo que sejam analisadas como um caso de construção gramatical. O termo “construção” é empregado aqui num sentido teórico, de acordo com o significado que lhe é atribuído pela gramática das construções (GC). Para a GC, uma construção é definida como uma unidade com forma e significado, cujos aspectos de sua forma e de seu significado não estão previstos pelos elementos individualmente presentes em sua composição nem por outras construções pré-existentes na língua (GOLDBERG, 1995, p.4).

Dessa forma, entendo que o estatuto construcional das **CFFs** é garantido tanto pelo seu valor discursivo, que não decorre nem da composicionalidade de seus elementos individuais, nem do sentido lexical desses elementos, quanto por suas propriedades sintáticas, que extrapolam os limites da coordenação e da auxiliarização (RODRIGUES, 2005, 2006).

Integram o *corpus* desta pesquisa 393 dados extraídos de amostras reais de fala coletadas em banco de dados constituído por pesquisadores e bolsistas do Projeto PEUL da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Esse banco de dados é constituído, entre outros, pelo *Corpus* Censo ou Amostra Censo, composto por amostras da variedade não culta falada nos bairros da área metropolitana do Rio de Janeiro. Os dados desse projeto são resultados de uma série de entrevistas realizadas em dois períodos: de 1980 a 1984 (Amostra 80), quando 64 falantes foram entrevistados; e de 1999 a 2000 (Amostra 00), quando 16 desses 64 falantes foram recontactados (I) e mais 32 falantes foram selecionados, respeitando-se os mesmos parâmetros utilizados na coleta anterior (C) (PAIVA; DUARTE, 2003, p.20-25). Foram utilizados apenas os dados das Amostras 80 e 00 (C) nesta pesquisa.

Com o intuito de analisar não só qualitativamente, mas também quantitativamente os casos de **CFFs**, efetuei inicialmente um levantamento de suas ocorrências no *corpus*. Uma vez realizada sua coleta, os dados foram codificados, de acordo com a metodologia utilizada nas pesquisas de base sociolinguísticas e variacionistas, e submetidos a uma análise quantitativa. Uma análise qualitativa prévia orientou a escolha daqueles fatores gramaticais que pareciam atuar nas **CFFs**. Partindo de algumas hipóteses iniciais a respeito da configuração sintática e do funcionamento das **CFFs**, estabeleci uma relação de grupos de fatores gramaticais ou linguísticos que permitiram compreender melhor as especificidades morfossintáticas dessas construções. Nenhum fator extralinguístico foi controlado nesta pesquisa. Para sustentar minhas hipóteses, trabalhei com 16 grupos de fatores que foram operacionalizados por meio do pacote VARBRUL, principalmente dos programas MAKECELL e CROSTAB. Dentre os grupos de fatores considerados, apresentarei neste artigo os resultados

referentes aos seguintes fatores: **tipo de CFFs, tempos e modos verbais de V1 e V2, negação, contração e tomada de decisão**. Os três primeiros grupos de fatores dizem respeito ao comportamento sintático das **CFFs** e foram elaborados para investigar propriedades distintivas dessas construções. Já os dois últimos visam a discutir os valores semântico-pragmáticos das **CFFs**. O conceito de grupo de fatores, que remete à Teoria da Variação laboviana, é usado neste trabalho apenas como recurso heurístico. No Brasil, muitos trabalhos de enfoque funcionalista (CASSEB-GALVÃO, 1999; DIAS, 2001; RODRIGUES, 2001; BRAGA, 2003; GONÇALVES, 2003; CARVALHO, 2004; entre outros) têm lançado mão desses construtos e metodologia por compreenderem que os pressupostos inerentes às análises variacionistas garantem que todas as ocorrências sejam investigadas de forma coerente e sistemática à luz das mesmas categorias gramaticais. Sabe-se, no entanto, que em muitos desses casos, tal como no das **CFFs**, os fenômenos analisados não constituem casos de variação linguística *stricto sensu*.

## Tipos de CFFs

As **CFFs** formam-se a partir de uma seqüência mínima de dois verbos, V1 e V2, em que V1 e V2 partilham sujeito e flexões modo-temporais e número-pessoais. V1<sup>3</sup> é quase sempre um dos verbos **ir**, **chegar** e **pegar**<sup>4</sup> e V2 é relativamente livre. V1 e V2 podem estar conectados pela conjunção *e*, tipo 1 [+ CONJ], ou podem estar justapostos, tipo 2 [- CONJ], como nos exemplos (1) e (2) respectivamente:

- 1) a. A gente, a gente que fica lá embaixo, brincando. Que que que a gente vai fazer aqui em cima? Meu pai está no trabalho, minha mãe fica estudando negócio aí da Jafra, que ela está fazendo, minha irmã fica com o namorado dela, eu vou ficar olhando assim; **eu vou e desço**. Eu e meu irmão fica jogando pingue-pongue.  
  
b. Chega lá, você não- você não entende, não fala castelhano, fica o rádio falando castelhano, como é?-"Ih, mas é mesmo! Aí, não quero não." (rindo) **chegou e devolveu o rádio**. (risos) Essa é uma, essa é uma das. (risos) e aí, por aí a fora, não é?  
  
c. Prefiro não - não fazer - não - não continuar não. Vou terminar meus estudos primeiro, aí, depois, eu vou ver! Tanto que ele me convidou para continuar lá e tal- falei: "Ah! Mas

---

3 Verbos como **virar** e **vir**, entre outros, também ocorrem em construções semelhantes, mas não serão discutidos aqui. **Virar** parece ter um uso mais lexicalizado uma vez que sempre aparece em sentenças como (a) marcando mudança de turno:

(a) Ele **virou falou** assim.

**Vir** tem um comportamento similar ao dos verbos **ir** e **chegar**, contudo exemplos com **vir** são mais ambíguos e se mostraram mais problemáticos no que diz respeito à distinção de seu emprego como forma lexical original ou não. Sendo assim, **vir** também ficou fora do escopo desta investigação.

4 Observações assistemáticas indicam que, em Português, pelo menos no Estado de São Paulo, também o verbo **catar** pode ocorrer no lugar de **pegar**.

não vou continuar não, porque não vai dar." Aí, **eu peguei e saí do coisa**. Aí, continuou a amizade e tal, mas, aí, **eu peguei e saí**.

- 2) a. Então ela chegou para mim e falou: "Cristina, aí, tem um concurso aí da Gretchen- você está a fim de entrar?" Antes de ser a rainha do carnaval, falei: "Pô, Margarida, até que é uma boa, vou entrar." E na época a Gretchen usava aqueles shortezinho bem entrando lá mesmo, não é? Aí **eu peguei falei**: "Tudo bem. Eu vou entrar. "Aí, **minha mãe foi fez um short para mim** de cetim branco, um collant azul, sandália alta, não é?"

b. Ele se mantém também tem um (inint), ele está com trinta e poucos ano, mas mantém a forma. Porque, senão, **a pessoa chega começa a ficar barriguda**.

c. "Ele disse: "não, não desliga não que eu quero lhe falar uma coisa." Eu não estou conhecendo a voz mesmo. Eu disse: "olha, vou desligar, hein? Até amanhã." **Ele pegou deu uma gargalhada**. eu disse: "espera aí, fala outra vez." Aí ele falou, eu disse: " bandido, você me acordando agora e tal." (riso).

A Tabela 1 permite três conclusões a respeito das **CFFs**. A primeira delas é que as construções de tipo 2 [- CONJ] são mais freqüentes no *corpus* do que as de tipo 1 [+ CONJ]. A segunda é que **ir** e **pegar** ocorrem mais em construções de tipo 2 [- CONJ] enquanto **chegar** ocorre mais em construções de tipo 1 [+ CONJ]. Por fim, a terceira conclusão é que o verbo **ir** ocorre mais freqüentemente como V1 nas **CFFs** do que **pegar** e **chegar**.

Tabela 1 - Freqüência dos tipos de CFFs e dos verbos na posição de V1

Tipo de CFFs	Tipo 1 [+ CONJ]		Tipo 2 [- CONJ]		TOTAL	
	N	%	N	%	N	%
<i>Ir</i>	77	34	150	<b>66</b>	227	<b>58</b>
<i>Pegar</i>	24	28	61	<b>72</b>	85	22
<i>Chegar</i>	62	<b>76</b>	19	24	81	20
<b>TOTAL</b>	<b>163</b>	<b>41</b>	<b>230</b>	<b>59</b>	<b>393</b>	<b>100</b>

Não obstante se verifique a existência desses dois tipos de **CFFs**, acredito que, ainda assim, estamos tratando de um mesmo grupo de construções. Pullum (1990) defende a existência de dois tipos de construções, uma vez que verificou que o comportamento sintático de construções semelhantes às **CFFs**, em inglês, era sensível à presença da conjunção. Tudo leva a crer, no entanto, que, no que se refere ao Português, as características sintáticas, semânticas e pragmáticas das

**CFFs** de tipo 1 e 2 são idênticas.

Entendo que há um *continuum* entre esses dois tipos na medida em que o segundo parece ter ocorrido em decorrência do primeiro.<sup>5</sup> A minha hipótese é que as **CFFs** de tipo 1 ainda preservariam a forma da construção que as originou, as construções coordenadas, e as de tipo 2 já estariam num estágio mais avançado de mudança. A favor dessa hipótese estão as **CFFs** com *chegar*, que apresentam mais casos de ambigüidade (cf. RODRIGUES, 2006) e se realizam majoritariamente como construções do tipo 1 [+ CONJ] (cf. Tabela 1).

## Tempos e modos verbais nas CFFs

Aparentemente não há restrições no que diz respeito à pessoa e aos tempos e modos verbais usados nas **CFFs**. Contudo, algumas formas são mais recorrentes. A Tabela 2 mostra, em linhas gerais, que, estatisticamente, as **CFFs** com *ir* caracterizam-se pelo uso equivalente ao do pretérito perfeito (48,5%) e do presente do indicativo (49%).

Tabela 2 - Tempo e modo verbais das CFFs com IR

Tempos e modos verbais	N	%
<i>Pretérito perfeito do indicativo</i>	110	48,5
<i>Presente do indicativo</i>	112	49
Pretérito imperfeito do indicativo	3	1,5
Infinitivo	1	0,5
Imperativo	1	0,5
<b>TOTAL</b>	227	100

A Tabela 3, por sua vez, mostra que as **CFFs** com *chegar*, assim como as **CFFs** com *ir*, se caracterizam pelo maior uso de presente do indicativo (31%) e de pretérito perfeito (28%). Observe, entretanto, que 22% dos verbos dessas construções aparecem no infinitivo, uma peculiaridade desse grupo.

<sup>5</sup> Uma vez que as ocorrências das **CFFs** não são encontradas na escrita formal, é impossível encontrar evidências diacrônicas concretas para essa hipótese.

Tabela 3 - Tempo e modo verbais das CFFs com CHEGAR

<b>Tempos e modos verbais</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
<i>Presente do indicativo</i>	<b>25</b>	<b>31</b>
<i>Pretérito perfeito do indicativo</i>	<b>23</b>	<b>28</b>
<i>Infinitivo</i>	<b>18</b>	<b>22</b>
Futuro perifrástico	3	4
Presente do subjuntivo	3	4
Pretérito imperfeito do indicativo	2	2,5
Locução verbal	3	5
Futuro do subjuntivo	4	5
<b>TOTAL</b>	81	100

A Tabela 4 traz os resultados para as **CFFs** com **pegar**, que se caracterizam pelo maior uso de pretérito perfeito (71%), embora o presente do indicativo também seja usado (26%). A diferença de uso do presente e pretérito perfeito é evidentemente mais polarizada nas construções com **pegar**.

Tabela 4 - Tempo e modo verbais das CFFs com PEGAR

<b>Tempos e modos verbais</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
<i>Pretérito perfeito do indicativo</i>	<b>61</b>	<b>71</b>
<i>Presente do indicativo</i>	<b>22</b>	<b>26</b>
Pretérito imperfeito do indicativo	1	1,5
Pretérito imperfeito do subjuntivo	1	1,5
<b>TOTAL</b>	85	100

O uso de determinado tempo verbal nessas construções está diretamente relacionado ao contexto discursivo em que emergem. Segundo Vilela e Koch (2001, p.545-553), cada uma dessas seqüências textuais, narração, descrição e argumentação, possui propriedades gramaticais próprias, principalmente no que concerne ao tempo verbal. As **CFFs** atualizam-se majoritariamente em porções textuais que se caracterizam pela seqüência de eventos que não admitem reversibilidade. Contudo, observei que existe uma correlação entre o tipo textual em que as **CFFs** ocorrem e V1. As **CFFs** com **ir**, por exemplo, são mais usadas em contextos de narração (50%) e de descrição (41%), sendo que apenas 9% dessas construções são usadas em trechos argumentativos.

As **CFFs** com **pegar** também são muito mais recorrentes em contextos de narração (74%), embora também sejam usadas em trechos descritivos (22.5%) e, menos freqüentemente, em trechos argumentativos (3.5%). O maior uso de formas verbais no pretérito perfeito do indicativo nas **CFFs** com **ir** e **pegar** justifica-se pelo fato de essas construções serem mais empregadas em contexto narrativo. Por outro lado, as **CFFs** com **chegar** são mais empregadas em contextos de argumentação (46%), embora também tivessem sido empregadas em porções descritivas (30%) e narrativas (24%). A predominância de **CFFs** com **chegar** num contexto de argumentação favorece o uso do infinitivo.

### A negação nas CFFs

O padrão de negação das **CFFs** representa um dos seus traços mais idiossincráticos no que se refere às demais construções do Português, principalmente em relação às construções coordenadas e às construções com verbos auxiliares, e sobretudo em relação às construções **go-and-verb** presentes em outras línguas (RODRIGUES, 2006). A negação das **CFFs** se dá de modo que o morfema de negação precede V2, embora tenha escopo sobre toda a construção. A esse respeito, considere os exemplos (3) e (4):

- 3) E- E você é supersticiosa?  
F- Está aí. Eu não sei lá. Eu- tem gente que fala: “faz mal passar por debaixo de escada”. Aí **eu vou e não passo**. Mas se tiver que passar, eu passo.
- 4) Porque meu marido tem um <tempe-> ele é [um ótimo]- um (hes) ótimo pai, mas ele é como um Português daquele autoritário, que foi educado assim. Ele é um homem de instrução, também. (“Ele”) chegou a fazer exame para marinha portuguesa e **foi e não passou**. Mas ainda conserva aquele espírito que o Português é: o pai é (hes) autoridade!

Em (5) vemos que o mesmo padrão se mantém quando V1 é o verbo **chegar**.

- 5) Eu corria bem, pouca- há dois anos atrás eu corria [seis]- seis quilômetro, lá na praia, naquela areia fofa. Corria! Tranquilo! Aí **chegava não tinha problema**.

(6), coletado de forma não sistemática, confirma o mesmo padrão de negação também para as **CFFs** com **pegar**:

- 6) O pão tava meio feio, aí **eu peguei e não comprei**.

Aparentemente não há impedimento formal para a realização do morfema

de negação antes de V1 nas **CFFs**. Veja que (7) apresenta o morfema de negação adjacente a V1. Não se pode dizer, entretanto, que o escopo da negação seja o próprio V1, mas sim a construção como um todo. Em (7), a **CFF** está vinculada a uma oração de finalidade, numa relação de hipotaxe (“existe todo um sistema operacional *para que o carteiro não precise abrir a bolsa na rua para conferir os CEPs*”).

7) É, [Ah... num sabia] foi inaugurado recentemente um centro de triagem em Benfica que é tudo automatizado. [Nossa!] A máquina pode mandá o CEP prum setor errado (est) aí... e o continuísmo [da] [da] do trabalho, num tem como evitá. (est) Então, o fulano de tal dexô de recebê, eu num recebi, má a pessoa num qué sabê que atrás disso, além do ser humano cartero, (est) existe um sistema todo operacional, que é mecanizado, que não depende de carteiro, que ele já recebe pronta, **ele não chegá abrí a bolsa na rua** pra conferí os CEPs, pra vê se faz parte do distrito dele, entendeu?... Ah, num recebi, num sei quê... ainda num chegô, mas essas pessoas que reclamam deveria sabê como é que funciona o correio (est) antes de reclamá, porque é mínimo, quase nada, em relação a o que o correio entrega por dia, no país intero (bate com as mãos para marcar as palavras) [Imagina, é] pode havê sim, inclusive... é... nessa transição [de] [de] de... que tá acontecendo na empresa, nessa informatização, nessa mecanização, otimização, em geral (est) pode tá havendo [alguma] algum conflito, né?

Já em (8), coletada de forma não-controlada, a **CFF** aparece numa forma de interrogativa precedida por “por que”. Também aqui o escopo da negação recai sobre toda a construção.

8) **Por que você não pega e compra um carro?**

É preciso destacar que a construção “**pega e compra**”, em (8), está inserida numa construção maior, já que se pode dizer que existe em Português uma construção do tipo “**por que X não Y?**”, relacionada à emissão de sugestão ou conselho, como em (9) e (10):

9) **Por que ela não tem um bebê?**

10) **Se o chefe dele é tão antipático, por que ele não pede demissão?**

Veja que tanto a posição *X* quanto *Y*, referidas acima como partes da construção “**por que X não Y?**”,<sup>6</sup> podem ser preenchidas por elementos diversos. No caso de (8), a posição *Y* é preenchida por uma **CFF**, o que justifica a presença do *não* antes de V1.

Tendo em vista os exemplos acima, acredito que o fato de V1 raramente ser precedido por negação diz respeito mais a questões de ordem semântica

<sup>6</sup> Embora proponha a existência da construção do tipo “**por que X não Y?**” em Português, não tenho notícia de nenhum estudo descritivo desse fenômeno. As hipóteses levantadas acima não representam, portanto, resultado de uma análise sistemática.



do que formal. Os exemplos acima mostram que, ocasionalmente, o morfema de negação pode ser adjacente ao V1. Contudo, parece que, quando seu uso é bloqueado nessa posição, ou seja, na maioria dos casos de **CFFs**, isso se dá por razões semânticas. Acredito que o morfema de negação adjacente a V1 forçaria uma interpretação lexical desse verbo. Veja que os exemplos abaixo são inaceitáveis:

- 11) \***Eu não peguei e comprei um carro.**
- 12) \***Eu não fui e falei.**
- 13) \***Quando eu não estou com vontade, eu não pego e varro.**

### A função das CFFs no discurso

Autores como Bechara (1999), Tavares (2005), Amaiz e Camacho (1999), Stefanowitsch (1999, 2000) e Hopper (2002) correlacionam as construções semelhantes às **CFFs** principalmente a aspecto verbal. Bechara e Tavares, particularmente, propõem que as construções por eles analisadas carregam um valor inceptivo.

Contudo, tendo em vista o largo *corpus* analisado (**ir** = 227 ocorrências; **pegar** = 85 ocorrências; **chegar** = 81 ocorrências), verifiquei que essa hipótese não pode ser confirmada no que diz respeito às **CFFs**, em PB.

A minha hipótese é a de que as **CFFs** não contribuem para o quadro aspectual do PB. Para nenhuma das ocorrências do *corpus* foi possível aferir uma interpretação aspectual clara que decorresse apenas do V1.

Veja, por exemplo, que, em (14), há um contraste aspectual entre os enunciados “*ele tava comendo*”, no imperfectivo, e “*ele foi me deu uma dentada*”, no perfectivo. Contudo, esse contraste permaneceria se, ao invés do uso da **CFF**, “*ele foi me deu uma dentada*”, tivéssemos apenas “*ele me deu uma dentada*”. Defendo, portanto, que, por mais que as **CFFs** possam emergir em contextos de mudança aspectual, como em (14), sua função não é a de marcar aspecto:

- 14) E: E como é que foi a sua mordida (E falando com risos) e a mordida da sua amiga?  
F: Bom, a mordida da minha amiga foi... acho que [foi]... foi nas pernas, né? O cachorro pegô ela nas pernas, na perna, né? e comeu quase toda – toda a perna dela. O cachorro, um cachorrão, né? Pô, ela teve que costurá toda a perna, né? Acho que tomô umas cem injeções, mais do que isso. Foi muito, foi horrível.  
E: E você, disse que foi mordida pelo seu próprio cachorro (risos de E). Como é que foi isso?  
F: Ah, foi eu caí em cima dele, né? tava brincano, eu caí em cima do meu cachorro, **ele tava comendo**, né? **Aí ele foi me deu uma dentada**. Foi... acho que foi... é, foi no braço. Eu

tive outra mordida de gato também, que eu tava tentando separá-lo, né? da gata, né? aí ele me mordeu.

E: Cê tem gato em casa?

F: Tenho. Eu tenho um gatinho.

O contraste entre aspecto perfectivo/imperfectivo na narrativa marca o contraste entre planos discursivos. Hopper e Thompson (1980, p.280) enfatizam que, em qualquer situação de fala, certas informações são mais relevantes que outras. Segundo os autores (1980, p.282), a recorrência de um ou outro elemento gramatical relacionado ao relevo discursivo sugere que alguma limitação psicológica no processamento do discurso deve estar envolvida, já que os falantes aparentemente necessitam sinalizar morfossintaticamente aquelas partes do discurso que devem ser tomadas como mais relevantes.

A parte do discurso que não contribui imediatamente ou crucialmente para os objetivos do falante, mas simplesmente auxilia, amplifica ou comenta, é chamada de fundo (*background*). Por outro lado, o material que embasa os pontos principais do discurso é conhecido como figura (*foreground*).

Ao tratar do contraste entre figura e fundo, entre primeiro e segundo planos no texto, Travaglia (1999, p.103) defende que, no Português, o mecanismo e os elementos (formas, categorias) envolvidos nesse contraste estão ligados à relevância pragmática, que se dá através, entre outros recursos, do uso de formas verbais, como em (15), em que a mudança de aspecto imperfectivo/perfectivo indica contraste entre figura e fundo (TRAVAGLIA, 1999, p.107). Os verbos no perfectivo descrevem os eventos que aparecem em primeiro plano e funcionam como figura e os verbos no imperfectivo codificam os eventos que aparecem em segundo plano e funcionam como fundo:

- 15) “i cumu eu vô sempri na casa da Teresa, eu peçu carona pra eli, porque é na rua deli mesmu, né. Intão, ele descí, mi de(i)xá lá, né. Depois eu voltei da casa... Eu sempre vejo eli depois... eli vem... sei lá... intão, cumu eli num tava passan(d)u, né, **eu peguei i fui... fui à pé mesmu**. I quan(d)o to passan(d)u im frenti à casa deli, eli ta lá cum duas menina” (NURC/SP DID 059, *apud* Travaglia, 1999, p.107).

Note, entretanto, que Travaglia atenta apenas para o contraste entre os usos do aspecto perfectivo e imperfectivo, sem considerar a construção “**eu peguei i fui**”, que introduz o perfectivo. Esse fato dá respaldo à hipótese defendida neste trabalho de que as **CFFs** não contribuem para o quadro aspectual do texto. No enunciado “**eu peguei i fui**”, V1, *peguei*, marca, e, conseqüentemente, destaca uma tomada de decisão expressa por V2, **fui**. Vê-se pelo desenrolar dos fatos que o destaque sobre essa decisão não é gratuito, uma vez que, a partir daquela ação, os fatos tomaram novo rumo: a informante flagrou a traição do namorado.

Essa função de destacar algum evento importante também foi atribuída, por Hopper (2002), à construção **go ahead**, que, segundo o autor, funciona, entre outras coisas, para sinalizar pontos que o ouvinte deve valorizar. Embora esse seja também um valor atribuído às **CFFs**, defendo que, nem sempre, o evento destacado pelo uso das **CFFs** é, de fato, o evento mais importante ou mais relevante no contexto discursivo. Veja que, em (16), o falante descreve os passos de uma receita de arroz e não se pode dizer que o uso da **CFF** marca o evento mais importante, uma vez que todos os passos da receita são relevantes:

- 16) I- E quando você faz, como é que você faz, assim, um arroz? Essas coisas.  
F- Fazer um arroz?  
I- É, como é que faz?  
F- Como é que eu faço?  
I- É.  
F- Eu boto a água para ferver, aí cato o arroz, **ai vou lavar**. Aí boto alho na panela com a banha, aí deixo o alho corar, aí jogo o arroz dentro, aí espero refogar.

Nesse caso, o uso da **CFF** parece obedecer também à subjetividade do falante e não apenas à relevância das informações descritas.

Nos trabalhos consultados, é também muito recorrente a asserção de que as construções do tipo **go-and-verb** introduzem uma ação inesperada que altera o curso previsível da narrativa. Stefanowitsch (1999), por exemplo, defende que “**he went and did it**” (“ele foi e fez isso”), em (17), expressa uma noção de surpresa, na medida em que introduz um evento que contradiz as expectativas em relação ao primeiro enunciado “**Nobody thought he could climb Everest**” (“ninguém acreditava que ele escalaria o Everest”):

- 17) Nobody thought he could climb Everest, but **he went and did it!**  
(Ninguém achou que ele escalaria o Everest, mas *ele foi e fez isso!*)

Hopper (2002) também defende esse valor de contra-expectativa para as construções do tipo **turn around and**, como em (18):

- 18) you ask 'em to lend you a fiver and they might <laughs> **turn round and tell you to sod off.**  
(Você pede a eles que te emprestem uma nota de 5 dólares e eles podem (virar e) falar pra você desaparecer.)

Observei que esse mesmo valor pode ser encontrado em alguns casos de **CFFs**, como em (19):

- 19) O banco é uma coisa assim que - tem muita coisa ruim, não é? <pa...>. Sabe? Aquele

paranóico que chega, sabe? Que tira tua atenção, aquele- não sei, não é? Acho que, [no]- no geral, sabe Roberto, vai muito também [da tua]- da tua natureza, sabe? Da tua, digamos assim, índole, sabe? de aceitar, ou seja, admitir, está? aquela idéia de estar trabalhando assim para um sistema fechado, está? (est.) E, sabe? Se moldar- se moldar não é bem a palavra. Sabe? Adaptar o teu trabalho para tua natureza, ou então pular fora, está? Se dar para adaptar, tudo bem, você fica; se não, você sai fora. A Sílvia, por exemplo. A Sílvia é psicóloga. Devido ao campo de trabalho, não é? Estar a maior braba mesmo, estar russíssimo assim para todo mundo, a Sílvia foi lá no Banco Nacional, <pá>, se inscreveu- (ruído de um líquido sendo despejado) - barulho gostoso, não é? - (risos) A Sílvia se inscreveu- aí passou, <pá>, tudo bem, psicotécnico, mil coisas, não é? Passou. Mas ela é psicóloga formada, não é? Então não estava atuando, primeiro lugar, porque, sabe? Não corre atrás como deve. Porque, quando você quer, você acaba conseguindo pelo menos um estágio, não é? (est.) Ganhando pouquinho, <pá>, mas consegue. Mas **a Sílvia foi virou bancária**. A gente passou assim, o quê? Teve [um]- um convívio muito pequeno.

Entretanto, em (19), a presença da conjunção adversativa *mas* já assinala que alguma informação contrastante será introduzida. Destarte, o valor semântico do enunciado não é alterado pela presença das **CFFs**, uma vez que se ao invés de “**a Sílvia foi virou bancária**” tivéssemos “**a Sílvia virou bancária**” o mesmo contexto de contra-expectativa se manteria.

Ademais, a contra-expectativa não é um valor muito característico das **CFFs**, como mostra a Tabela 5. Veja que os resultados para *ire pegars* são estatisticamente irrelevantes. Já aqueles para *chegar* são um pouco mais significativos:

Tabela 5 - Contrajunção nas CFFs

V1	Ir		Chegar		Pegar	
	N	%	N	%	N	%
<i>Contrajunção</i>	5/227	2	12/82	<b>25</b>	1/85	2

Vale ressaltar que o valor de contrajunção nas **CFFs** com *chegar* está mais vinculado a contextos de argumentação e descrição e não de narração, como parece ser o caso das construções em Inglês.

Em relação a (20), acredito que a noção de contrajunção também já está disponível, de certa forma, no enunciado. Observe que não é o V1 o responsável por nenhuma alteração semântica dos enunciados. Compare (20) com (21) e veja que a noção de contrajunção permanece disponível em (21) mesmo sem o V1:

20) F- Ah, eu acho que deveria ter mais ajuda, não É? [mais]- mais empregos, não É? porque, poxa! [a gente]- a gente anda atrás de emprego, não consegue, sabe? tem muito desemprego. Eu acho que essas pessoas que tinham vontade de subir, não É? eu acho que deveria ter mais emprego, [mais]- mais oportunidade, sabe? geralmente, muitas pessoas têm aquela vontade de trabalhar, [vai]- vai no emprego, faz seleção, (entrevistador tossindo) aqueles que não precisam, sabe? passam, conseguem emprego, os que precisam, poxa! não consegue, poxa! eu acho que, sabe? deveria ter, sabe? [um]- um- sei lá, um melhor apoio de alguém, o governo. Sei lá, assim, sabe? para ter mais emprego. É duro (inint) a gente sair sabe? estudar, trabalhar, assim, para conseguir uma coisa, poxa! **chega lá e não consegue**. Um montão de exigência, sabe? tem gente, poxa, que não tem condições de estudar, tem gente que, não É? É aquilozinho só e tudo bem. Então vai quem, poxa, quem tem um nível de escolaridade tudo bem. quem não tem, poxa! vai trabalhar em casa de família. ("p"! ) Aí não dá acho que deveria ter oportunidade para essas pessoas assim, sabe?

21) É duro a gente sair, estudar, trabalhar para conseguir uma coisa e não conseguir.

Um outro valor atribuído às construções do tipo **go-and-verb** é o de tomada de decisão, defendido principalmente por Stefanowitsch, para enunciados como (22):

22) We asked him not to call the police, but **he went (ahead) and did it anyway**.  
(Nós pedimos pra ele não chamar a polícia, mas *ele (foi (em frente) e) fez isso de qualquer maneira.*)

Verifiquei que, de fato, alguns casos de **CFFs** são responsáveis pela sinalização de uma tomada de decisão. A Tabela 6 mostra que esse valor é mais recorrente, contudo, nas **CFFs** com **pegar**.

Tabela 6 - Tomada de decisão nas CFFs

V1 Tomada de decisão	Ir		Chegar		Pegar	
	N	%	N	%	N	%
<i>Sim</i>	4	2	2	3	20	<b>24</b>
<i>Não</i>	223	98	80	97	65	76
<b>TOTAL</b>	227		82		85	

O enunciado (23) é representativo:

23) E- Jupira, assim, parece um nome [indígena,] não é?  
F- [Indígena.] É, isso mesmo. (balbucio) Foi minha vó, uma mulher a mulher que eu nasci na rua eu nasci no meio da rua, não é? Nasci na Chácara do Céu, mas nasci na rua. Aí, essa

dona (balbucio) me pegou para casa dela. Aí, pegou, ela (“me”) botou roupa, lá. Ela disse que quando eu acabei de nascer, ela viu uma cabocla no portão, e essa cabocla era cabocla Jupira. Ela pediu, insistiu para o meu pai botar esse maldito desse nome, que eu tenho um ódio. (balbucio) **Aí, meu pai pegou botou esse nome em mim: Jupira, Jupira!** Isso (“até”) me cansa. Jupira. Nome feio para [caramba.] (ri) (rindo) Eu não gosto, não! (f) Tenho pavor desse nome. Não sei para quê meu pai foi botar esse nome em mim! Foi por causa dela. Ela disse que quando eu acabei de nascer ela viu uma cabocla. E essa cabocla era cabocla Jupira. Aí, botou esse nome em mim: Jupira! Cabocla Jupira. Não tenho nada de cabocla, aqui. (riso e)

Note, entretanto, que o uso de **pegar** não é o único responsável pela sinalização da tomada de decisão em (23), uma vez que a sua retirada não comprometeria o entendimento desses enunciados. Ou seja, a noção de tomada de decisão já está implícita no texto, sendo acessível sem o uso específico das **CFFs**.

Goldberg (1995, p. 67), tendo em vista sua proposta de que as construções de uma língua mantêm relações entre si, reinterpreta, com base nos trabalhos de Givón (1985), Kirsner (1985), Langacker (1985), Clark (1987) e Wierzbicka (1988), a hipótese do isomorfismo a partir de quatro princípios.<sup>7</sup> O segundo deles, que é o que nos interessa aqui, é o chamado de “Princípio da Não-sinonímia” e prevê que “se duas construções são sintaticamente distintas, então devem ser semântica ou pragmaticamente distintas”. Goldberg (1995) entende que os “aspectos pragmáticos das construções” envolvem elementos de sua estrutura informacional, tais como tópico e foco, além de aspectos estilísticos como registro. A autora (1995, p.2-3) remete a autores como Green, Oehrle, Bolinger, Borkin, Wierzbicka, entre outros, cujos trabalhos têm apontado para as sistemáticas diferenças de significados entre construções similares.

Wierzbicka (1988, *apud* GOLDBERG, 1995), por exemplo, contrasta as sentenças (24) e (25), afirmando que, somente na primeira, o falante presumidamente tem a intenção de atravessar a estrada:

24) I am afraid **to cross** the road.  
(Estou com medo de atravessar a estrada.)

25) I am afraid **of crossing** the road.

O Princípio da Não-Sinonímia desdobra-se em dois corolários. O corolário A prevê que “se duas construções são sintaticamente distintas e semanticamente sinônimas, logo não devem ser pragmaticamente sinônimas” (GOLDBERG, 1995, p.67). Já o corolário B pressupõe que “se duas construções são sintaticamente

---

<sup>7</sup> A hipótese do isomorfismo postula que “a condição natural da língua é preservar uma forma para cada significado e um significado para cada forma” (BOLINGER, 1977, *apud* HAIMAN, 1985, p.21).

distintas e pragmaticamente sinônimas, logo não devem ser semanticamente sinônimas” (GOLDBERG, 1995, p.67).

Argumentei acima, em relação às ocorrências (14), (16), (19), (20) e (23), que, de uma perspectiva semântica estritamente referencial, as **CFFs** parecem não ser responsáveis por nenhum valor específico. A retirada de V1 não acarreta mudança semântica, mas sim pragmática. Considere também as ocorrências abaixo, em que a presença do V1 **foi** em (26) em oposição a (27), em que o V1 foi removido, parece não alterar a interpretação dos eventos narrados:

26) F: [Você] Quase que eu fui atropelado um dia.

E: Como é que foi isso?

F: Eu sai da Escola, fui atravessar a rua, só que numa tava- num tava olhando direito. Tava mais preocupado com o ônibus, né? Que eu ía perdê o ônibus. Se eu perdesse o ônibus naquela hora eu ía ficar mofando lá... no ponto. Aí eu ia atravessar, o carro foi parou encostou em mim.

E: E aí?

F: [Aí-] aí **o cara foi buzinou**, quase morri do coração, aí **eu fui atravessei**. Naquele dia Deus me guardou.

27) **O cara buzinou**, quase morri do coração, **aí eu atravessei**.

Do ponto de vista referencial (26) e (27) são semelhantes e corroboram as asserções de Goldberg em relação ao corolário A do Princípio da Não-Sinonímia, uma vez que “*o cara foi buzinou*” e “*o cara buzinou*”, além de “*eu fui atravessei*” e “*eu atravessei*”, são:

- i. sintaticamente distintas, vide a presença de V1 em (26);
- ii. semanticamente sinônimas, já que não há contraste entre as interpretações semânticas de (26) e (27); e
- iii. pragmaticamente diferentes, uma vez que (26) ganha ênfase ou dramaticidade pelo acréscimo do V1.

Podemos considerar “*o cara foi buzinou*” em relação a “*o cara buzinou*”, e “*eu fui atravessei*” em relação a “*eu atravessei*” como formas variantes, tendo em vista que as formas variantes *stricto sensu* são aquelas que mantêm o mesmo significado e podem ocorrer num mesmo contexto (LABOV, 1978, *apud* GORSKI *et al.* 2003, p.109). Nos seus primórdios, a linguística variacionista, pressupostamente, considerava a existência de variantes apenas no nível morfossintático e fonológico. Gorski *et al.* (2003), compreendendo como *mesmo significado* não apenas o mesmo valor de verdade ou mesmo significado referencial, mas também como mesmo significado/função, defendem que “é possível tratar fenômenos discursivos como variáveis, utilizando-se do aparato

metodológico da teoria variacionista, especialmente no que diz respeito à definição do envelope de variação, i.e., a identificação da variável, das formas variantes e dos fatores condicionantes.” Além do mais, a ocorrência de formas variantes em níveis sintático e discursivo, em que não existe sinonímia denotativa plena, pode ser controlada, segundo Naro e Braga (2000), por meio da postulação de fatores independentes apropriados.

Tendo em vista as discussões acima, resta definir qual é, de fato, a função das **CFFs**.

Embora não haja uma homogeneidade no que diz respeito a algumas especificidades semânticas e ao ambiente em que as **CFFs** podem ocorrer, acredito que há uma função única que subjaz a todos os casos de **CFFs**. Sustento que as **CFFs** têm uma função discursivo-pragmática de dramatizar ou enfatizar os eventos codificados em V2. Considero que esse efeito de dramatização ou ênfase se dá pelo acréscimo de mais material linguístico,<sup>8</sup> ou seja, o V1.

A função de dramatização e ênfase diz respeito às questões relacionadas ao relevo discursivo. Dentre as funções do relevo positivo,<sup>9</sup> destacadas por Travaglia (1999, p.78), “a mais básica é exatamente dar destaque/proeminência, que pode ter funções derivadas, tais como: a) enfatizar; b) intensificar; c) marcar um valor especial, indicando que o elemento em relevo deve ser tomado num sentido diverso do habitual, muitas vezes contrário; d) estabelecer contraste; e) reforçar um argumento; f) marcar importância para a estrutura ideacional/informacional; g) marcar o foco informacional etc.”

Assumir as **CFFs** como instanciadoras de relevo é ratificar sua atuação no plano discursivo-pragmático, uma vez que, segundo Travaglia (1999, p.127), o relevo não é de nível sintático nem semântico, mas sim pragmático, tendo origem e resultado na interação entre os falantes numa dada situação de comunicação.

Proponho, deste modo, que, além do contraste entre imperfectivo/perfectivo, por exemplo, também as **CFFs** devem ser inseridas entre os diferentes recursos marcadores de relevo do Português.

---

<sup>8</sup> Embora não desenvolva a questão, Hopper (2002) cogita a possibilidade de o uso de **hendiadys** estar associado, entre outras coisas, à intenção do falante de compensar, através do aumento do “volume” de itens linguísticos, os enunciados pequenos, mas importantes.

<sup>9</sup> Travaglia (1999, p.77) distingue relevo positivo e relevo negativo: sendo que o primeiro visa a enfatizar determinados elementos dentro do texto, enquanto o segundo tem como objetivo rebaixar ou ocultar determinados elementos em relação a outros no texto.



## Conclusão

Tendo em vista a abrangência dos questionamentos inspirados pelas **CFFs**, fica evidente apenas que muito ainda se pode inquirir a respeito dessas construções. Atentei para a existência dessas construções e espero com isso instigar novas análises, principalmente para as **CFFs** formadas a partir de verbos como **virar**, **vir** e **catar**, por exemplo, diferentes daqueles focados neste trabalho. Certamente não foi possível escopar neste artigo todos os aspectos relacionados às **CFFs**, muito menos todas as questões teóricas que sua análise suscita. *Eu fui e fiz este trabalho*: mais um passo está dado!

## Agradecimentos

Agradeço:

- aos pesquisadores da UFRJ, pela concessão dos materiais para a realização da tese que originou este artigo;
- à professora e orientadora Dra. Maria Luiza Braga (UFRJ) e ao professor Dr. Andrew Pawley (Australian National University), pela motivação, pela orientação atenciosa e pela amizade;
- ao CNPq pela concessão da bolsa de doutorado no Brasil, bem como pela bolsa de doutorado *sandwich* na Austrália.

RODRIGUES, A. T. C. FFCs: The *foi fez* constructions in Brazilian Portuguese. *Alfa*, São Paulo, v.50, n.1, p.39-58, 2006.

- **ABSTRACT:** *In this paper, I investigate the “foi fez constructions” (Lit. “Went Did constructions”) (FFCs), in spoken Brazilian Portuguese, taking into account the results of my PhD research. My analysis shows, among other things, that FFCs consist minimally of a sequence of V1 and V2, where V1 is one of the verbs **ir** (to go), **chegar** (to arrive), and **pegar** (to take) and V2 is relatively open. The FFCs occur in two different types. In Type 1, V1 and V2 are connected by e (and), in Type 2, V1 and V2 are contiguous. Moreover V1 and V2 share inflections for verb tense and subject. In regard to function, FFCs act in a discourse-pragmatic level, considering that V1 dramatizes or emphasizes the events codified by V2.*
- **KEYWORDS:** *Constructions; verbs; grounding.*

## Referências bibliográficas

ARNAIZ, A.; CAMACHO, J. A Topic auxiliary in Spanish. In: GUTIÉRREZ-REXACH,

J.; MARTÍNEZ-GIL, F. (Ed.) *Advances in Hispanic Linguistics*. Boston: Cascadilla Press, 1999. p. 317-331.

BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

BOLINGER, D. *Meaning and form*. London: Longman, 1977.

BRAGA, M. L. E aí se passaram 19 anos. In: PAIVA, M.; DUARTE, M. E. L. (Org.) *Mudança lingüística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003. p.159-174.

CARVALHO, C. S. *Cláusulas encaixadas em verbos causativos e perceptivos: uma análise funcionalista*. 2004. 251f. Tese (Doutorado em Lingüística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2004.

CASSEB-GALVÃO, V. C. *O achar no português do Brasil: um caso de gramaticalização*. 1999. 167f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 1999.

CASTILHO, A. T. Aspecto verbal no português falado. In: ABAURRE, M. B. M.; RODRIGUES, A. C. S. (Org.) *Gramática do português falado*. Campinas: Editora da Unicamp, 2002. v.8, p.83-121.

CLARK, E. V. The principle of contrast: a constraint on language acquisition. In: MACWHINNEY, B. (Ed.) *Mechanisms of language acquisition*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates, 1987. p.1-33.

CROFT, W. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. New York: Oxford University Press, 2001.

DIAS, N. B. *As cláusulas de finalidade*. 2001. 175f. Tese (Doutorado em Lingüística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2001.

FILLMORE, C. J. Syntactic intrusions and the notion of grammatical Construction. In: ANNUAL MEETING OF BERKELY LINGUISTIC SOCIETY, 11., 1985, Berkeley. *Proceedings of the Eleventh*. Berkeley: Berkeley Linguistic Society, 1985. p.73-86.

GIVÓN, T. Function, structure and language acquisition. In: SLOBIN, D. I. (Ed.) *The crosslinguistic study of language acquisition*. Hillsdale, N.J.: Lawrence Erlbaum Associates, 1985. v.2, p.1005-1028.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: a constructional grammar approach to argument structure*. London: The University of Chicago Press, 1995.

GONÇALVES, S. C. L. *Gramaticalização, modalidade epistêmica e evidencialidade: um estudo de caso no português do Brasil*. 2003. 250f. Tese (Doutorado em Lingüística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2003.

GORSKI, E. et al. Fenômenos discursivos: resultados de análises variacionistas como indícios de gramaticalização. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (Org.)

*Português brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história.* Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003. p.106-122.

HOPPER, P. J.; THOMPSON, S. A. Transitivity in grammar and discourse. In: *Language*, v.56, n.2., p.251-299, 1980.

\_\_\_\_\_. Hendiadys and auxiliiation in English. In: BYBEE, J.; NOOMAN, M. (Ed.) *Complex sentences in grammar and discourse: essays in honor of Sandra A. Thompson.* Philadelphia: John Benjamins, 2002. p.145-173.

KAY, P.; FILLMORE, C. J. Grammatical constructions and linguistics generalizations: the what's X doing Y? construction. In: *Language*, v.75, n.1, p.1-33, 1999.

KIRSNER, R. S. Iconicity and grammatical meaning. In: HAIMAN, J. (Ed.) *Iconicity in syntax.* Amsterdam: John Benjamins, 1985. p.249-270.

LABOV, W. *Language in the inner city: studies in the BLACK English vernacular.* Philadelphia: University of Pensylvania Press, 1978.

LANGACKER, R. W. Observations and speculations on subjectivity. In: HAIMAN, J. (Ed.) *Iconicity in syntax.* Amsterdam: John Benjamins, 1985. p.109-105.

NARO, A. J.; BRAGA, M. L. A interface sociolingüística/gramaticalização. *Gragoatá*, n. 9, p.125-135, 2000.

PAIVA, M. C.; DUARTE, M. E. L. A mudança lingüística em curso. In: PAIVA, M. C. & DUARTE, M. E. L. *Mudança lingüística em tempo real.* Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003. p.13-29.

PULLUM, G. K. Constraints on intransitive quasi-serial verb constructions in modern colloquial English. In: OHIO STATE MINI-CONFERENCE ON SERIAL VERBS, 1990. JOSEPH, B. D.; ZWICKY, A. M. (Ed.) *When verbs collide: papers.* Columbus: The Ohio State University. Department of Linguistics, 1990. p.218-239.

RODRIGUES, A. T. C. *As orações de tempo e condição na fala da criança: uma perspectiva sócio-funcionalista.* 2001. 187f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2001.

RODRIGUES, A. T. C. Eu peguei e saí: uma construção nos limites da coordenação. In: *Veredas.* Revista de Estudos Lingüísticos, Juiz de Fora, n. 1/2, p. 29-40, 2005.

RODRIGUES, A. T. C. *Eu fui e fiz esta tese: As construções do tipo foi fez no português do Brasil.* 2006. 211f. Tese (Doutorado em Lingüística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2006.

STEFANOWITSCH, A. The go-and-verb construction in a cross-linguistic perspective: image-schema blending and the construal of events. In: ANNUAL HIGH DESERT LINGUISTICS SOCIETY CONFERENCE, 2., 1999. *Proceedings...* Albuquerque: High Desert Linguistics Society, 1999. p.1-12.

STEFANOWITSCH, A. The English go-(PRT)-and-VERB construction. In: ANNUAL MEETING OF THE BERKELEY LINGUISTIC SOCIETY, 26., 2000. *Proceedings...*

Berkeley: Berkeley Linguistic Society, 2000. p.259-270.

TAVARES, M. A. Transitividade em construções com o verbo pegar. In: IV CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 4, 2005. *Atas...* Brasília, 2005.

TRAVAGLIA, L. C. O relevo no português falado: tipos e estratégias, processos e recursos. In: NEVES, M. H. M. (Org.) *Gramática do português falado*. Campinas: Editora da Unicamp, 1999. v.7, p.77-130.

VILELA, M.; KOCH, I. *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Almedina, 2001.

WIERZBICKA, A. *The semantics of grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 1988.